

QUESTIONAMENTOS FILOSÓFICOS SOBRE O INCONSCIENTE: ESBOÇO PARA UMA METAFÍSICA DO INCONSCIENTE

Luigino Valentini (*)

INTRODUÇÃO

"A problemática do inconsciente levantada pela psicanálise não é apenas um elemento privilegiado na dimensão psicológica e clínica, mas se constitui simultaneamente num desafio para a razão filosófica ao pôr em jogo o estatuto da consciência."¹

Não entendemos neste ensaio enfrentar o problema do inconsciente com as categorias da filosofia clássica, do racionalismo clássico ou do naturalismo materialista. Isto, sem dúvida, apresentaria uma dificuldade muito grande, já que admitir na consciência a presença de uma realidade que, por sua própria definição não pode ser apreendida conscientemente, parece um absurdo. Para os filósofos, na verdade, parece a princípio inaceitável a afirmação de que ocorrem processos intelectuais extremamente complexos, sem que o indivíduo deles tome consciência "O que define o inconsciente é que seja desconhecido pela consciência. É um fato que fora da consciência não existe conhecimento. Fora do conhecimento o ser desvanece-se para cair no não-ser, é algo que nos inclinamos a pensar".²

Historicamente a fenomenologia defrontou-se com o problema do inconsciente. Embora Husserl e Freud tivessem vivido na mesma época, nunca debateram pessoalmente a questão. No entanto, a psicanálise e a fenomenologia se defrontaram, integraram, e esclareceram mais tarde por obra dos seguidores dos dois pontos de interesse.

De Waelhens observa que "assistimos a uma aproximação cada vez mais acentuada entre os teóricos de uma antropologia de inspiração autenticamente psicanalítica e os fenomenólogos preocupados, ao mesmo tempo, em se conservarem fiéis ao espírito husserliano e em estender o reino deste espírito ao domínio das ciências humanas, mais particularmente àquelas ligadas à psicológica, entendida no seu sentido mais amplo."³

Podemos perceber no decorrer de nossas reflexões que a teoria e a prática psicanalítica podem elucidar o problema do inconsciente e, conseqüentemente, o da própria consciência; que a fenomenologia pode encontrar na própria psicanálise uma técnica de que não dispõe e que, em compensação, pode esclarecer o verdadeiro alcance desta, situando-a num contexto filosófico e antropológico.

(*) Doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade LATERANENSE – ROMA licenciado em Filosofia, pela OMEC – Moji das Cruzes.

A FENOMENOLOGIA

A fenomenologia, que se vincula de maneira mais direta a Husserl, seu fundador, no seu termo literal significa “estudo dos fenômenos”, isto é, daquilo que “é dado” à consciência. Pretende explorar estes dados intuídos diretamente, evitando estabelecer quaisquer hipóteses a seu respeito; daí a noção de fenomenologia como recomeço, como retorno às coisas mesmas.

Para isso, é imprescindível uma mudança radical de atitude: é a redução fenomenológica ou “epoché”, que consiste em ‘pôr entre parênteses’ a realidade tal como aconselha o senso comum. No entanto, não se deve permanecer ao nível das impressões sensíveis, mas sim captar a essência das coisas; é por isso que a intuição recebe o qualificativo de eidética: é a visão das essências.

Uma das primeiras tarefas a que a fenomenologia se propõe é justamente a de elucidar “o reino das essências”, segundo seus diversos domínios ou regiões (por exemplo, a região “natureza”, a região “espírito”, a região “consciência”). De Muralt assim elucidada este aspecto: “A antecipação constitutiva, que obtém o sentido do objeto a partir da percepção real, o faz aparecer só em suas grandes linhas, ou seja, em seu tipo eidético. É impossível, com efeito, que uma percepção parcial e finita faça aparecer o objeto, assim como ele é realmente, em si mesmo, na sua infinita concreção. Entretanto, ao perceber mais ou menos exatamente aspectos parciais de um objeto, a consciência conclui: “É um cubo, é uma árvore”. Ao obter o sentido do objeto, manifesta, ao mesmo tempo, o próprio eido, sua essência. A fenomenologia aparece como uma filosofia das essências, depois de ter dado a impressão de ser uma disciplina descritiva pura. Na realidade é ambas, pois a análise intencional obtém, a partir da vida real da consciência, os tipos essenciais que a regulam e que a normam. Estes tipos, que resultam de uma antecipação constitutiva são idênticos e quase intemporais em oposição aos dados da sensação, múltiplos e em mudança na corrente da consciência.”⁴

Ponto central da concepção fenomenológica é o caráter intencional da consciência: esta é sempre consciência de alguma coisa. Há aqui a superação da dicotomia sujeito-objeto, já que fora da correlação consciência-objeto, não existiria nem um, nem outro.⁵ Existe, conforme Husserl, uma inclusão do mundo na consciência, pois a consciência não é somente o pólo eu (sujeito), mas igualmente o pólo isto (objeto). Esta inclusão intencional da relação da consciência com seu objeto não é a de duas realidades exteriores e independentes, porque de um lado o objeto é Gegenstand, fenômeno que remete à consciência para a qual ele aparece, e de outro lado, a consciência é consciência deste fenômeno. Por isso, entre sujeito e objeto existe uma implicação radical, uma relação essencial

imprescindível. “A intencionalidade vem a caracterizar, então, uma nova relação entre sujeito e objeto, entre o pensamento e o ser, uma ligação onde esses são inseparáveis e sem a qual nem consciência nem mundo seriam compreensíveis.”⁶

Outro ponto importante a ser salientado nesta concepção da fenomenologia é que a consciência “vive” como imediatamente doadora de sentido, como fonte de significado para o mundo: é consciência deste mundo. Enfim, o objeto ou a coisa é essencialmente ligado à consciência pela intencionalidade; em outras palavras, o mundo se apresenta à consciência que, por sua vez, lhe dá sentido.

É preciso lembrar que a percepção é apenas um dos possíveis atos pelos quais na consciência emergem os objetos; a imaginação, a lembrança, o sonho, são outras modalidades da consciência em sua atividade.

A fenomenologia, então, concebe o homem essencialmente como ser-no-mundo; a consciência humana é, portanto, consciência-no-mundo, e se vincula a ele pelo corpo. Com efeito, é pela mediação deste mesmo corpo que nos podemos relacionar com as coisas e com os outros seres humanos; a existência humana só pode ser entendida com base em seu duplo enraizamento: no mundo e na intersubjetividade.

De Waelhens define a fenomenologia, de maneira bastante clara e compreensível, como “um método filosófico, ou simplesmente uma filosofia que tem por tarefa elucidar, não tanto um mundo e a realidade tomados em si mesmos, mas as relações vividas e efetivas que se estabelecem, ao mesmo tempo necessária e livremente, entre o homem e o mundo.”⁷

Nessas relações vividas, já salientamos o papel do corpo; mas o sentido se manifesta também pela linguagem, e, assim, a fenomenologia enfoca-la-á como um dos temas fundamentais.

REFLEXÕES SOBRE CONSCIENTE E INCONSCIENTE

Existe na fenomenologia certa hostilidade à noção de inconsciente. Há, por outro lado, uma referência constante e fundamental àquilo que pode ser inconsciente na existência do *cógit*o.

A fenomenologia nega o inconsciente quando este é colocado ao nível de algo “coisificado” pela consciência que o guarda como conteúdo atualmente inútil ou inoportuno, mas cuja conservação às vezes apresenta um interesse capital. A rejeição dessa concepção se apóia sobre a tese que proíbe confundir o “status” da coisa com o “status” da consciência.

Mas a fenomenologia faz referência constante ao inconsciente quando Husserl coloca o problema da necessidade inelutável do implícito em toda a experiência humana. O implícito, o referencial, o alusivo, o

virtual, o antecipativo, são constitutivos da própria humanidade da experiência. Husserl chama isto de potencialidade e de horizonte, e estas “dimensões” essenciais da experiência supõem grandes conseqüências para o sentido e o “status” ontológico da experiência humana.

Freud frisou o fato de que o problema do inconsciente não podia classificar-se entre os anexos ao problema da memória, como geralmente se fazia. O inconsciente deve ser considerado uma instância autônoma ou que tende à autonomia. É uma instância dinâmica, dotada de estrutura própria e que, apesar da palavra que a indica (in-consciente) poderia ser destinada a compreender-se, ou não só, em relação à consciência.

Não se pode negar o inconsciente na simples dimensão negativa da consciência. Assim como, entre a presença e a ausência, entre realidade e irrealidade, a oposição não é aquela que o bom-senso coloca entre o sim e o não, esta oposição consciente-inconsciente também é suscetível de modalidades múltiplas e ambíguas.

Pelo fato de a fenomenologia afirmar que a consciência é intencionalidade, dá ela ao problema uma contribuição decisiva.

A fenomenologia tem como tese central que, a cada tipo de aparição de um objeto, corresponde um tipo correlativo de apreensão para o sujeito e, portanto, a maneira em que esse sujeito seja sujeito. O resultado é que as dimensões de ambigüidade se transferem no interior do sujeito. Em outras palavras, estas múltiplas maneiras de estar em seus objetos determinam para a consciência uma múltipla maneira de ser consciente. E não é menos certo que esta maneira de ser consciente constitui modos mais ou menos pronunciados de ser in-consciente. Um modo de inconsciência em que não se efetivasse nenhum enfoque do outro, e que se persistiria em considerar como real, seria absurdo.

Disso prossegue que um sujeito assim concebido por si e essencialmente se situa na ordem da linguagem, posto que a linguagem é, justamente, a aplicação da presença e da ausência.

Posto isso tudo, resulta que a noção mesma de inconsciente nos anuncia que a problemática do que se trata poderia desenvolver-se unicamente com referência à problemática da consciência. Em caso contrário, poderia existir a mesma problemática para os fenômenos da natureza, mas eles não têm consciência (embora os românticos considerassem os fenômenos animados e conscientes).

A consideração seguinte confirma o estrito relacionamento entre consciência e inconsciente: a essência da consciência consiste em integrar os fenômenos não de uma maneira qualquer a uma atividade constitutiva de sentido, mas esta integração acontece conforme as modalidades do inconsciente ou do implícito de acordo com Husserl.

Já que há, de alguma maneira, o retorno do reprimido, e este retorno se mostra sempre e necessariamente em uma atitude constitutiva de sentido, é verdade pois que, por um aspecto capital, o inconsciente se relaciona de algum modo com a ordem da consciência.

O fato de que o nosso corpo esteja ligado e se refira indubitavelmente a esta atividade constitutiva de sentido de que é força essencial, não impede seja também coisa e, como tal, considerada pela ontologia da coisa.

Outro passo poderíamos dar: se o inconsciente se relaciona com a ordem da consciência e se a consciência se separa da ordem natural, ou ao menos se distingue dela, pela intencionalidade, tem de se pensar que o inconsciente se caracterize por um modo particular e original de intencionalidade, quer dizer, por uma instituição de sentido de tipo "sui generis".

Colocada a questão do inconsciente nesses termos, ou seja, relacionado com a ordem da consciência, põe-se um problema muito sério: o que é consciência? Sem dúvida, pode-se dizer que é ilusão considerar a consciência como dado imediato. A fenomenologia destruiu esta ilusão. Se a consciência se esgota nas suas intencionalidades de seus outros e é diferente como os tipos de objetos que lhe aparecem e se, portanto, o que é para nós a consciência se recupera na base destes movimentos ex-estáticos, nosso saber sobre a consciência se transforma, e de aquisição se transforma em tarefa, de origem se transforma em fim.

A fenomenologia de Husserl tomou como lema o de Hegel: "ciência da experiência a consciência", a ciência em que a consciência se desenvolve como experiência de si mesma. A mesma coisa acontece com o inconsciente. É possível saber o inconsciente, e este ilumina o consciente. Neste sentido, o estudo empírico do inconsciente levou a sentir que o estatuto ontológico do inconsciente pode conceber a consciência de um modo menos ingênuo, e a concluir que talvez nunca os filósofos souberam o que é a consciência.

Este inconsciente manifesta sua realidade através de um sentido vivido que faria alusão a ela. Isso quer dizer que os sintomas como sonhos, lapsos, "insights", atos falhos obrigam a admitir o inconsciente que de alguma forma se anuncia na consciência entendida como comportamento de ser-no-mundo. Segue disso que a modalidade do inconsciente pode-se afirmar pela sua relação com o sentido dos sintomas.

Posto que só um sentido pode "atuar" sobre outro sentido, devemos concluir que o inconsciente é, por sua vez, e em sua totalidade, suscetível de articular-se conforme um sentido: mas esta afirmação deve completar-se com algumas referências à concepção que a fenomenologia forma da linguagem e do corpo.

BIBLIOGRAFIA

- DARTIGUES, A. **O que é a Fenomenologia**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973.
- DE MURALT, A. **La Idea de la Fenomenologia**. México, Centro de Estudios Filosóficos, 1963.
- DE WAELEHENS, A. **Existence et Signification**. Nauwelaerts, 1958.
- DE WAELEHENS, A. "Sobre el Inconsciente y el Pensamiento Filosófico", em Ey E. **El Inconsciente**, Mexico, Siglo Vientiuno, 1970.
- GILES, T. R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- FREUD. **Esboços de Psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969.
- LANTERI-LAURA, G. "Los Problemas del Inconsciente y el Pensamiento Fenomenológico" em Ey E. **El Inconsciente**, México, Siglo Vientiuno, 1970.
- LYOTARD, J. F. **A Fenomenologia**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- MUSOLINO, A. P. "A Fenomenologia e a Questão do Inconsciente", em Revista **Reflexão**, nº 11/12, 1978.
- NOGUEIRA, J. C. **O Inconsciente e a Linguagem na Compreensão do Homem**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1978.
- RICOEUR, P. "El Inconsciente y el Consciente" em Ey E. **El Inconsciente**, México, Siglo Vientiuno, 1970.
- MEARLEAU-PONTY. **Sentido y Sinsentido**. Barcelona, Ediciones Peninsula, 1977.

NOTAS:

- (1) NOGUEIRA, JOÃO CARLOS, **O Inconsciente e a Linguagem na Compreensão do Homem**, p. 22.
- (2) EY, E. **El Inconsciente**, p. 6.
- (3) Texto citado por MUSOLINO, A. P. em "A Fenomenologia e a Questão do Inconsciente".
- (4) MURALT, A., **La Idea de la Fenomenologia**, p. 419.
- (5) Embora não pareça completamente resolvido, se é para resolver, a contraposição entre idealismo e realismo que acompanhou o decorrer do pensamento filosófico: a fenomenologia simplesmente "rejeita tanto o idealismo como o realismo" observa Fernando Monteiro no prólogo de MERLEAU-PONTY, **Sentido y Sinsentido**, p. 9.
- (6) GILES T. R., **História do Existencialismo e da Fenomenologia**, Vol. I, p. 138.